

**PAXSON, DIANA L. ASATRÚ: UM GUIA ESSENCIAL PARA O PAGANISMO
NÓRDICO. SÃO PAULO: EDITORA PENSAMENTO, 2009, 208 P.,
ISBN: 978-85-315-1603-0**

Johnni Langer*

Asatrú é uma denominação criada durante o século XIX pelos seguidores do neo-paganismo nórdico – a reconstituição moderna da tradição religiosa da Escandinávia anterior ao cristianismo - significando “verdadeiro para os Ases (deuses)”. Hoje em dia, o Asatrú possui centenas de adeptos por todo o mundo, especialmente organizações nos Estados Unidos e Europa, nesta última inclusive, sendo religião reconhecida em vários países.

O lançamento do livro *Asatrú*, de Diana Paxson, é um excelente recurso para todos aqueles que querem conhecer o neo-paganismo ou para os acadêmicos empenhados em estudar as religiosidades alternativas do mundo contemporâneo. Paxson além de líder religiosa na Califórnia é escritora de obras de ficção científica e de fantasia, colaboradora e continuadora da famosa série *As Brumas de Avalon*.

O livro foi dividido em três partes: a primeira, concedendo um balanço da história dos primeiros pagãos germânicos, da Antiguidade à Era Viking, e os motivos de sua cristianização; a segunda, um panorama das principais deidades, cosmogonia e escatologia da religiosidade dos nórdicos durante o medievo; e uma terceira, voltada para os rituais e práticas do paganismo nos dias atuais.

De modo geral, a autora recupera as informações sobre as práticas pagãs do passado recorrendo às principais fontes sobreviventes: a *Edda Poética* (conjunto de poesias compostas durante o final da Era Viking, sobreviventes em manuscritos do período feudo-cristão), a *Edda em Prosa* (texto prosaico escrito pelo poeta islandês Snorri Sturlusson em 1220) e as *sagas islandesas* (textos em prosa datados do século XIII e XIV). Mas também seguindo uma tendência dos últimos 20 anos, utiliza o trabalho de acadêmicos especializados no estudo do paganismo original, fazendo referências a pesquisas epigráficas, historiográficas, arqueológicas e de cultura material.

Em relação ao conteúdo do livro, a maioria das referências históricas está correta, mas ocorrem alguns lapsos. A afirmação de que a Islândia foi o último país que a adoração aos Aesir foi realizada (p. 14), é incorreta, sendo a ilha de Gotland um local de culto aos deuses até o ano de 1200 d.C.¹ Outro ponto de vista equivocados é considerar que “no período viking, a não virilidade consistia em assumir o papel submisso em sexo, não em ser atraído por homens” (p. 92). Numa sociedade extremamente masculinista, o homossexualismo era visto como algo bestial e

* Pós-Doutor em História Medieval pela USP, professor de História Medieval na UFMA, Universidade Federal do Maranhão. Membro do *Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos* (<www.brathair.com>). Coordenador do NEVE, *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* (<<http://groups.google.com.br/group/scandia>>). E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

¹ Para um referencial acadêmico sobre o paganismo nórdico, verificar LANGER, 2005, p. 55-82; LANGER, 2009a, p. 11-285; LANGER, 2009b, p. 131-144.

severamente punido, especialmente as relações entre homens.² Em relação aos conceitos, a escritora afirma que “um termo geral para magia no nórdico antigo é *gand*” (p. 139), mas na realidade, o termo mais comum que aparece nas fontes é *ffjolkunnig*, sendo *gand* tradicionalmente traduzido por bastão ou espírito.³ Para diferenciar a wicca do Asatrú, Paxson considera que a tradição pagã germânica “se concentra em costumes comunitários e práticas religiosas em que a magia desempenha um papel secundário” (p. 138). Mas a grande maioria dos pesquisadores aponta que, justamente ao contrário, a religiosidade dos tempos vikings era caracterizada por uma grande inserção da magia tanto no cotidiano quanto na vida pública, sendo quase impossível separar uma da outra.⁴ Infelizmente a autora não detalha outras diferenças entre a wicca e a tradição nórdica: enquanto esta segunda almeja uma reconstituição histórica dos cultos e dos panteões, preservados basicamente em documentos medievais, a wicca funde elementos do imaginário ocidental, elaborados pelos inquisidores, com conteúdos advindos dos celtas e outros povos europeus, além de muitos elementos fantasiosos de origem contemporânea.⁵

Utilizando sua experiência na literatura de fantasia, Paxson inicia os capítulos do livro com histórias de um imaginário grupo neo-pagão, talvez com o intuito tanto de aproximar a obra com o público mais jovem, como para poder discutir com mais relevância certas questões que atingem a vida dos praticantes de Asatrú. Justamente por ser uma tradição religiosa que não possui hierarquias, dogmas centralizadores e livros sagrados, sua prática pode sofrer variações e interpretações diferentes conforme o ambiente social em que está inserida. Este é um dos pontos em que a autora mais demonstra preocupação e cuidado em seu texto. Fora o fato óbvio de que alguns rituais centrais para a fé nórdica terem sido abolidos por questões legais e morais para o homem moderno (como os sacrifícios a animais e humanos), a autora aponta com razão, que não existiam sacerdotes profissionais (“não havia clero em tempo integral”, p. 55), que Loki e Hel não recebiam qualquer tipo de ritual ou devoção entre os vikings – mas que por motivos variados, tornaram-se figuras importantes para os pagãos atuais (p. 98 e 115). E ainda, citando a runa vazia (ou branca) como uma invenção moderna (p. 141).

Também a proximidade do Asatrú com outras formas de religiosidade, como o esoterismo e a Nova Era são tratados, como na questão – muito discutível – de ser uma religião da Terra e possuir um referencial ecológico, um tema fundamental em nossa atual realidade (p. 169). Outro ponto, sempre muito polêmico em qualquer comunidade de neo-pagãos, são as questões relativas à etnicidade, cultura e nacionalidade: afinal, alguém que não é germânico, escandinavo ou mesmo europeu, pode praticar o Asatrú? (p. 173-176). Um dos maiores elementos de identidade dos asatruares e neo-pagãos é realizado frente ao cristianismo: provir de família de origem cristã e desvincular-se desta tradição religiosa é enfrentar muitos problemas de adaptação social. A autora, neste caso, optou por privilegiar uma personagem histórica, a rainha Sigrid, que recusou

² HAYWWOD, 2000, p. 169.

³ Ver PRICE, 2005, p. 202.

⁴ BOYER, 1986, p. 21.

⁵ Sobre o tema, consultar: LANGER & CAMPOS, 2007, p. 1-21.

a ser convertida ao noivar com Olaf Tryggvason da Noruega (p. 49), como metáfora para a identidade feminina contemporânea – ela é também indicada como data para comemoração de um dos “dias santos pagãos”, em 9 de novembro (p. 130). O que não deixa de ser curioso é que neste mesmo calendário, no dia 9 de outubro reverencia-se Lei Eriksson, por ser o primeiro europeu na América do Norte. Mas na *Saga de Erik, o vermelho*, ele foi o incumbido de cristianizar a Groelândia por ordens do mesmo rei citado acima, Olaf Tryggvasson.

Um ponto que aproxima a autora e o movimento neo-pagão de raízes culturais advindas a partir do Oitocentos é a escolha do repertório musical: “As óperas do Anel de Wagner continuam sendo o exemplo mais notável de música religiosa pagã” (p. 204). Os artistas do século XIX, apesar de inserirem elementos da religião pré-cristã tanto na pintura quanto nas letras de música, se vinculam muito mais com o nacionalismo e os referenciais sociais de sua época, a exemplo também do rock de temática viking (p. 204). Efetivamente, a música pagã deve ser buscada em pesquisas de arqueologia musical, reconstituindo os sons e instrumentos que eram realizados na Idade Média. Mas pelo fato da maioria das pessoas não terem acesso a esse tipo de material, a música contemporânea serve de inspiração para as necessidades básicas, aliás, para qualquer tipo de religiosidade: identidade e reconhecimento em um grupo social e modelos de comportamento (“nossa fé nos ajuda a fazer contato com os deuses, cria uma comunidade de crentes para apoio mútuo e camaradagem, oferece uma visão de mundo e parâmetros de orientação sobre como viver”, p. 152).

Sem dúvidas, o livro *Asatrú*, de Diana Paxson é o mais autêntico relato sobre o neo-paganismo escandinavo já publicado em língua portuguesa, com maior fundamentação histórica que obras anteriores, como *Mistérios Nórdicos*, de Mirella Faur, e *As moradas secretas de Odin*, de Valquíria Valhalladur. Um lançamento que se torna importante, não somente pelo aumento constante dos adeptos do *Asatrú*, mas também sintomático do avanço de interesse no Brasil pela Escandinávia da Era Viking.

REFERÊNCIAS

BOYER, Régis. **Le monde du double: la magie chez les anciens Scandinaves**. Paris: Berq International, 1986.

HAYWWOD, John. Attitudes to sex. **Encyclopaedia of the Viking Age**. London: Thames and Hudson, 2000, p. 169.

LANGER, Johnni. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. **Brathair** 5 (2), 2005, p. 55-82. Disponível em: http://brathair.com/revista/numeros/05.02.2005/magia_viking.pdf Acesso em abril de 2010.

_____. **Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Editora da UNB, 2009a.

_____. Vikings. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Editora Contexto, 2009b, p. 131-144.

LANGER, Johnni & CAMPOS, Luciana de . The wicker man: reflexões sobre a wicca e o neo-paganismo. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais 4 (4), 2007, p. 1-21. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.2.SECAO.LIVRE-JOHNNI.LANGER.pdf> Acesso em abril de 2010.

PRICE, Neil. L'sprit Viking: magie et mentalité dans la société scandinave ancienne. In: BOYER, Régis (ed.). **Les Vikings, premiers européens**. Paris: Éditions Autrement, 2005, p. 196-216.